EDUCAÇÃO ARISTOCRÁTICA OU EMANCIPATÓRIA EM FRIEDRICH NIETZSCHE

Aristocratic and emancipatory education in Friedrich Nietzsche

MENDONÇA, SAMUEL
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

ARANTES, PATRICIA NUNES
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Resumo: Investiga-se a educação aristocrática ou emancipatória, fundamentada nos fragmentos póstumos referentes ao terceiro período da vida produtiva de Friedrich Nietzsche. A questão que norteia esta investigação baseia-se na pergunta: há elementos de fundamentação de uma educação emancipatória nos escritos do terceiro período de Friedrich Nietzsche? Por educação aristocrática ou emancipatória entendemos a educação de excelência, que possibilita ao educando se tornar autodidata, a partir da autocrítica e da autossuperação, ou seja, a partir do desenvolvimento de sua vontade de potência. O método, de revisão bibliográfica, justifica-se no contexto de investigação realizada em filosofia da educação. A seleção do material para a análise foi feita considerando (i) a necessidade de estudo de fontes primárias e (ii) a prioridade de comentadores e tradutores reconhecidos no Brasil. Com efeito, não se pretende apresentar um modelo educacional que possa resolver os problemas educacionais. Esta possibilidade seria, no mínimo, contraditória quanto ao referencial teórico adotado, o perspectivismo, na medida em que não é possível estabelecer verdades derradeiras, mas, no máximo, interpretar o real. Os resultados alcançados baseiam-se na fundamentação da educação emancipatória a partir dos escritos de Nietzsche em seu terceiro período produtivo, que se apresenta como condição da superação do homem comum.

Palavras-chave: Educação aristocrática; Emancipação; Nietzsche.

Abstract: This article investigates aristocratic or emancipatory education, based on the posthumous fragments for the third period of productive life of Friedrich Nietzsche. The question is: are there foundational elements of an emancipatory education in the writings of Friedrich Nietzsche's third period? By emancipatory or aristocratic education we understand the education of excellence, which allows the student to become self-taught, based on self-criticism and self-overcoming, that is, based on the development of his will to power. The bibliographic review method is justified in the context of research carried out in the philosophy of education. The selection of material for analysis was made considering: (i) the need to study primary sources and (ii) the priority of commentators and translators recognized in Brazil. Indeed, it is not intended to present and educational model that can solve educational problems. This possibility would be, at the very least, contradictory in terms of the theoretical framework adopted, perspectivism, insofar as it is not possible to stablish ultimate truths, but, at most, to interpret the real. The results achieved are based on the foundation of emancipatory educational based on Nietzsche's writings in his third productive period, which is presented as a condition for overcoming the common man.

Key-words: Aristocratic education; Emancipatio; Nietzsche.

INTRODUÇÃO

Friedrich Wilhelm Nietzsche viveu entre os anos de 1844 a 1900, figurando como um dos grandes e polêmicos pensadores do século XIX. Intensamente criticado e rejeitado, seja pela contundente crítica ao cristianismo, como é o caso do livro *O Anticristo* (2007a), seja pela crítica aos dogmáticos na consideração de que estão distantes da verdade, como é caso claro do parágrafo 483 de *Humano Demasiado Humano* “Inimigas da verdade. Convicções são inimigas da verdade mais perigosas que as mentiras” (Nietzsche, 2000, p. 265), o filósofo da vontade de potência esperava de seus leitores a condição também de póstumos. No Prólogo do livro *O Anticristo*, escreveu: “Este livro é para pouquíssimos. E talvez eles ainda não vivam” (Nietzsche, 2007a, p. 9). Nietzsche tinha noção do atraso da humanidade no século XIX e foi, por certo, um dos principais autores que motivaram e tem motivado a compreensão do homem nas suas contradições. Faleceu em 1900, em provável consequência de uma sífilis craniana, de acordo com Flávio Khote (2004).

A vida produtiva de Friedrich Nietzsche pode ser dividida em três períodos. No primeiro período, sua escrita é marcada pelas discussões em torno da arte trágica e de seu declínio por meio da razão. Em seu segundo período, a arte é relegada a um plano inferior e a ciência passa a ser o tema recorrente, despojada de verdades absolutas, bem como a religião e a metafísica. Há uma revaloração das ideias anteriormente expostas. Termo propriamente nietzschiano, a revaloração quer significar a total desconstrução dos valores e saberes impostos pela sociedade no sentido de ressignificá-los, isto é, a revaloração indica a construção de novos valores. No terceiro e derradeiro período produtivo do discípulo de Dionísio, nota-se um aprofundamento dos temas anteriormente expostos e, sobretudo, há aqui o anúncio de criações basilares do pensamento nietzschiano: o eterno retorno, a vontade de potência e o além-do-homem, temas explorados principalmente no livro *Assim falou Zaratustra* (2006), considerada por ele filósofo como seu principal escrito.

Os fragmentos póstumos, *Nachlass*, por sua vez, fazem parte dos três períodos, pois tratam-se de anotações feitas ao longo do desenvolvimento de suas textos e de seu próprio pensamento. Como preleciona Meca:

> O estilo fragmentário, próprio da maioria dos escritos de Nietzsche, é o estilo específico de um pensamento que se volta para uma coabitação do individual e do comum, do fragmentário e do sistemático, na qual cada fragmento é, tal como cada indivíduo, expressão de algo limitado, provisório, incompleto, mas ao mesmo tempo – e sob essa forma parcial – tradução igualmente de uma força criadora viva, múltipla em sua inabarcável riqueza e indefinida em seu inesgotável desenrolar. (MECA, 2005, p. VIII).

Ou seja, dizer que a escrita de Nietzsche é fragmentária, significa sugerir que não há um fio lógico que une seus escritos. Seus textos são um indefinido vir-a-ser, aquilo que não se pode prever. Fadada ao malogro estaria, portanto, qualquer tentativa de direcionar os pensamentos do filósofo a um único horizonte. Desta forma, os *Nachlass* não possuem o sentido de complementação das obras publicadas. Os fragmentos têm "vida própria", na medida em que uma compreensão mais profunda dos textos de Nietzsche se dá a partir deles que revelam uma escrita mais íntima do filósofo, dado que este não vislumbrava sequer que aqueles fossem publicados.

O presente artigo pretende investigar, a partir do entendimento de aristocracia em Nietzsche e de sua crítica à educação alemã, a possibilidade de fundamentação da chamada educação aristocrática, também compreendida como educação emancipatória. Por educação aristocrática entende-se a educação de excelência, em que o sujeito se torna construtor do próprio conhecimento e protagonista da própria história (MENDONÇA, 2009). A noção de emancipação aqui tem sentido próprio, distanciando-se da perspectiva kantiana (Kant, 1985), aquela segundo a qual a autonomia reside na oposição de superação da heteronomia. Logo, a educação aristocrática sugere a autoeducação e a autocrítica, uma vontade de tornar-se senhor de si. O problema a ser discutido nesse artigo, de forma objetiva, centra-se no terceiro período produtivo de Nietzsche, bem como nos respectivos fragmentos. Assim, a questão que norteia esta investigação baseia-se na pergunta: há elementos de fundamentação de uma educação aristocrática ou emancipatória nos escritos do terceiro período de Friedrich Nietzsche?

O terceiro período do solitário de *Sils-Maria* é aquele que traz o apogeu de suas ideias, a expressão de seus pensamentos de maneira mais agressiva e reveladora que os períodos antecedentes. É aqui que Nietzsche anuncia a doutrina do eterno retorno, e, de maior importância para nossa investigação, disseca a

vontade de potência (*Der Wille zur Macht*), a constante superação, construção e destruição da realidade pulsante. "A *vontade de potência* se caracteriza por uma contínua superação de si e por um constante tornar-se mais, tornar-se mestre, tornar-se senhor" (ALMEIDA, 2005, p. 167, grifo do autor). Pode-se notar que a noção de vontade de potência é a matriz da noção de emancipação que será desenvolvida no sentido de aristocracia. É também nesse período, impelido por doenças, que o filósofo acredita obter um maior conhecimento de si, denotando a importância da solidão para o autoconhecimento e autodesenvolvimento. A solidão traz consigo a honestidade intelectual e a busca da excelência, na medida em que faz evidenciar ao homem o que ele é, trazendo-lhe a vida individual. Esta vida é incomum, genuína e singular, e aponta para a compreensão do homem como vontade de potência. A ela se contrapõe a vida coletiva, majoritária, comum e política, pressupostos da massificação e, por consequência, da igualdade e ausência de singularidade. Por isto, "muitas vezes o homem doente é mais saudável na sua alma que o homem são" (NIETZSCHE, 2005, p. 53). Aqui reside a ideia de emancipação, isto é, a condição individual de superação de fraquezas da alma, condição de todos os homens, mas, poucos, pouquíssimos estão dispostos a viver a educação emancipatória.

É nesta incessante busca por tornar-se o que se é que Nietzsche escolhe e cria *Zaratustra*, seu principal escrito, como aquele capaz de fornecer uma nova realidade, aquele que ensina, aquele “[...] capaz de produzir a verdade, porque ele conhece a mentira” (ALMEIDA, 2005, p. 256). É, portanto, de acordo com Nietzsche, um livro para todos e para ninguém. A predileção pelo terceiro período recai, sobretudo, no fato de ser ele o mais produtivo, ter sido ainda pouco explorado no mundo, e menos ainda em nosso país, possuir escassa tradução para a língua portuguesa, e pela inexistência do mapeamento de seus fragmentos póstumos.

Mostra-se ainda de grande importância salientar que, no que diz respeito ao método de análise do pensamento nietzschiano, acolheu-se aquele utilizado pelo próprio filósofo: o perspectivismo. Não se desenvolve aqui o método genealógico, dado que muitas pesquisas já foram feitas neste sentido. Este método consiste em não adotar nenhuma verdade como derradeira e absoluta, mas em considerar a possibilidade de outras tantas interpretações. Afinal "[...] quem escreve sentenças não quer ser lido, mas decorado" (NIETZSCHE, 2005, p. 127).

Do ponto de vista formal, esse artigo está estruturado em dois tópicos: o primeiro tratará da educação aristocrática ou emancipatória no sentido de explicitar o sentido dado a esta educação e os elementos que a caracterizam, pautada na singularidade do indivíduo; e o segundo versará sobre os fragmentos póstumos a fim de fundamentar de maneira clara e objetiva a educação por meio da visão do aristocrata que é vislumbrado pelo filósofo da vontade de potência. Passamos, a seguir, à apresentação e discussão da educação aristocrática ou emancipatória.

1 - Educação Aristocrática

Discussões em torno da educação estão presentes nos diversos contextos da sociedade, isto porque não se pode preterir a educação quando se pensa a formação integral do homem ou mesmo quando se especula sobre sua teleologia. O *telos* da educação, neste sentido, diz respeito à formação do indivíduo, no que se refere à sua formação para a vida. Por outro lado, há a educação formal, conhecida também por educação escolar. Não se pode rechaçar a validade da educação não formal, isto é, das diversas manifestações humanas, de intervenção com o outro, no sentido de alterar a visão de mundo e também a compreensão dos fenômenos da vida.

Do ponto de vista conceitual, o termo originário do latim, *educatio*, conota:

> (...) a transmissão e o aprendizado das técnicas culturais que são as técnicas de uso, produção e comportamento, mediante as quais um grupo de homens é capaz de satisfazer suas necessidades, proteger-se contra a hostilidade do ambiente físico e biológico e trabalhar em conjunto (ABBAGNANO, 2007, p. 357).

Ainda seguindo o entendimento de Nicola Abbagnano (2007), a significação do termo pode ser dividida em dois segmentos. No primeiro, a educação é vista como meio de transmitir informações imutáveis, perpetuação da cultura. O segundo, por sua vez, vê na educação a possibilidade de formar indivíduos críticos, capazes de corrigir as imperfeições das técnicas culturais há muito instituídas, fonte, portanto, da evolução e do desenvolvimento humanos. No entanto, mesmo neste segundo segmento, aparentemente crítico, se observado de maneira mais atenta, pode-se identificar o mero mascaramento, chamado aqui de “correção das imperfeições”, e que é impetrado como meio de evolução. Mas trata-se, na verdade, de ausência de

mudança, enquadrando-se perfeitamente no atual segmento social de preconização da forma em detrimento do conteúdo.

Existem diversas acepções ou escolas da educação. Poderíamos empreender a tarefa de classificá-las, todavia, este artigo tem por propósito explorar a educação aristocrática, que pode ser compreendida como educação emancipatória e, embora não se trate de um modelo a ser seguido, como veremos, ao menos do ponto de vista da fundamentação, reserva-se o sentido educacional, quando, por exemplo, tem-se a dimensão da autossuperação do sujeito. Mas, afinal, em que consiste a educação aristocrática?

É de grande relevância conceituar a aristocracia de que fala o discípulo de Dionísio, e aqui adotada, na medida em que não se conserva o sentido corrente, referente às classes dominantes do sistema capitalista. A significação utilizada pelo filósofo, de acordo com Mendonça (2018), refere-se a origem da palavra nos termos grego *aristós* e *cratios*. O primeiro quer significar excelência, enquanto o último conota gestão, governo. Logo, a aristocracia é aquela em que os indivíduos governam sua própria excelência (MENDONÇA, 2009). Ao governar sua excelência, os indivíduos se emancipam, dada a necessidade da liberdade como condição da referida educação.

Conforme observamos, o conceito de educação, da mesma forma que o de aristocracia, se tomados individualmente, produzem sentidos específicos, no entanto, a educação aristocrática diz respeito àquela em que o indivíduo se torna "autodidata", no sentido de buscar um conhecimento próprio, e questionar verdades institucionalizadas pela sociedade da moral hegemônica. Esta moral se refere ao papel que representa o Estado, bem como o sacerdote. O filósofo da vontade de potência critica e contrapõe o pensamento de Rousseau de que a sociedade teria sido criada por meio de um contrato social. Para Nietzsche, de maneira completamente oposta, a sociedade foi criada pela violência, em que os homens, antes livres foram coagidos a se tornar seres sociais, internalizando seus instintos e vontades individuais, e originando, desta forma, o remorso e a má consciência, devendo pensar primeiramente no coletivo. Neste contexto, o sacerdote possui papel de destaque, a partir do momento em que, dentro desta sociedade, passa a ser o responsável pela inversão dos valores daquilo que deve ser visto como bom e mal, tendo por fundamento e pano de fundo o discurso da providência divina e do

mártir. A moral exaltada passa a ser, então, a do escravo, do ressentido, em que bom é ser fraco, generoso, perpetuar a cultura e almejar ser parte da coletividade. Aqui, ser forte, individual e buscar a própria satisfação passa a ser visto como mal, e, a incomum existência de tais exceções deve ser extirpada (ALMEIDA, 2005).

Como preleciona Mendonça (2009, p. 116) "[...] o ponto de partida da educação aristocrática em Nietzsche é a vida aristocrática, que se efetiva por meio da vida solitária, e cujo sentido mais preciso seria "*gestão da exceção*"". Ora, é preciso acrescentar o caráter emancipatório dessa concepção de educação, afinal, emancipa-se quem se posiciona e se posiciona quem vive a liberdade na compreensão e ação na sociedade. É neste sentido que por educação aristocrática ou emancipatória, neste artigo, embora se reconheçam as diferentes noções dos termos, o sentido aqui é de equivalência.

Esta vida aristocrática seria marcada, sobretudo, pela constante autocrítica e autossuperação do sujeito, ou seja, por meio do desenvolvimento de sua potência[1], que implica aceitar-se como o homem que quer perecer, aquele que deseja seu próprio declínio, a fim de que, por ele, surja o além-homem (*Übermenschen*), isto é, o que constrói sua própria tábua de valores, desvenda suas próprias verdades, não no sentido de que elas se tornem a verdade de todos, mas, diferente disso, na perspectiva de que essa sua nova verdade suscite outros tantos caminhos a serem explorados, pois "[...] lutar por uma verdade e lutar *pela* verdade são coisas muito diferentes" (NIETZSCHE, 2005, p. 23, grifo do autor). É o chamado homem do futuro, muito livre, que com sua genialidade torna livre também o outro em um processo de emancipação individual, que é também social.

A educação aristocrática revela-se assim, uma busca individual e para poucos, fato já conhecido pelo filósofo de *Sils-Maria*, ao afirmar "'Torna-te aquele que és': esse é um grito que *sempre* é permitido a poucos homens, mas que é supérfluo para a minoria desses poucos" (NIETZSCHE, 2005, p. 57, grifo do autor).

Estes poucos homens devem tomar consciência de seu papel na chamada educação de rebanho, aquela que preceitua a universalização e a igualdade, em um mundo desigual, suprimindo as diferenças que deveriam, de outra forma, ser

[1] O conceito de potência (*Macht*) em Nietzsche deve ser pensado no contexto da vontade de potência (*Der Wille zur Macht*). Isto porque o filósofo não discorre sobre uma condição *a priori* para a realização, mas, a vontade de potência aponta para as forças contraditórias que estão na natureza, inclusive no mundo inorgânico. Recomenda-se o escrito de Müller-Lauter (1997).

exploradas e potencializadas. "O princípio da igualdade deveria levar ao reconhecimento da desigualdade entre os desiguais, e não, como cada vez mais acontece, à perseguição do que é melhor e à elevação do que é pior" (KHOTE, 2004, p. 21). A educação de rebanho promove o nivelamento para baixo, o incentivo à massificação e à extirpação de mentes pensantes e críticas, a exaltação da formação técnica, onde o indivíduo é um mero receptor de informações acabadas e, aparentemente, inquestionáveis. É o engodo que distancia o homem dele mesmo, ao objetivar a universalização dos desiguais. “Nas modernas sociedades democráticas européias, os homens aparecem indiferenciados, nas palavras de Nietzsche, como grãos de *areia*, quer dizer, como animais de rebanho” (MELO SOBRINHO, 2007b, p. 39, grifo da autora).

Com isso, não queremos, no entanto, propor que a educação de rebanho seja extinta, na medida em que, como assevera Mendonça (2009), ela é a condição da educação aristocrática ou emancipatória, mais um dos inúmeros paradoxos oriundos da escrita nietzschiana. Esta perspectiva, de relação entre a educação de rebanho e o anúncio da educação aristocrática, está também presente em Melo Sobrinho (2007b).

O indivíduo deveria buscar a vida solitária, com o objetivo de retomar o autoconhecimento perdido em anos de domesticação, para assim "aprender a pensar", o que, de acordo com Nietzsche, não se aprende na escola:

> Aprender a *pensar*: não há mais noção disso em nossas escolas. Mesmo nas universidades, mesmo entre os autênticos doutores da filosofia começa a desaparecer a lógica como teoria, como prática, como *ofício*. Leia-se livros alemães: já não se tem mais a remota lembrança de que para pensar é necessária uma técnica, um plano de estudo, uma vontade de mestria - de que o pensar deve ser aprendido, tal como a dança deve ser aprendida, *como* uma espécie de dança (...) (NIETZSCHE, 2008, p. 60, grifo do autor).

Nesta passagem do livro *Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche faz clara sua crítica acerca da educação alemã, bem como de suas instituições de ensino. O pensar nesta sociedade deixa de ser objetivado em sua forma primordial, não mais é visto como ofício, como busca que nunca acaba e que deve, de outra forma, ser sempre reaprendido. Deixa-se de lado a vontade de mestria, de tornar-se senhor de

si, exaltando desta forma o “tu deves” ao invés do “eu quero”[2]. Neste sentido, visualize alguém que nunca dançou, não sabe sequer que a dança existe ou que ele seja capaz de tal façanha. Ao início da música seus pés não se mexem e seu corpo se recusa a deixar de lado a dureza dos quadris, afinal ele não sabe fazer aquilo, e é provável, portanto, que erre e passe por um papel ridículo. Assim, opta muitas vezes pelo caminho mais fácil e menos perigoso: não dançar. Há, no entanto, uma segunda opção, a de iniciar, mesmo que com passos incertos e oscilantes, a arte da dança, ou, ainda mais, a arte de sentir a música e por ela se deixar guiar. Se assim o fizer, muitos o olharão, alguns até mesmo vão rir de sua dança inicialmente truncada. Mas tendo por ofício a contínua busca de sua dança e de sua arte, o sujeito continuará a aprender e a praticar, tendo no horizonte o indefinido além-de-si. Isto por que, iniciada a dança, fica cada vez mais claro que sempre haverá uma nova maneira de dançar, pois seu corpo se tornara flexível, e não mais quer uma única música, um único ritmo ou uma única maneira de ouvir.

Se a perspectiva da dança por ser pensada em paralelo com o pensar, então, para que o indivíduo "aprenda a pensar" deve, para isso, "revalorar". Expressão propriamente nietzschiana, revalorar anuncia a total desconstrução de todos os valores vigentes e impostos pela moral dominante, o fim de todas as verdades absolutas. Sentido muito diferente do que possui outro termo foneticamente semelhante: revalorizar, dar nova máscara a um valor vigente e manter sua fonte ou base, ou seja, nada mudar de fato, preconização da forma em detrimento do conteúdo.

Para que esta revaloração se torne real ao indivíduo, é necessário que ele aceite e assuma sua vontade de potência, desejo de despojar-se de tudo aquilo que lhe foi imposto e traçar seu próprio caminho, sua tábua de valores, ser senhor de seu próprio deserto, construir seu conhecimento, e, sobretudo, seu autoconhecimento. Como ser livre em um mundo regrado das mais variadas formas? De que maneira é possível conciliar liberdade e Estado?

---

[2] As figuras “tu deves” e “eu quero” são usadas por Nietzsche na conhecida metáfora dos três estágios do homem utilizada na obra *Assim falou Zaratustra*. O indivíduo passaria inicialmente pelo momento camelo em que carrega uma carga pesada e de outro, ele não pensa e sequer fala. O segundo momento seria o do leão, neste ele quer ser senhor de seu próprio deserto, quer abandonar o “tu deves” que representa a vontade que não é sua mas da coletividade, deseja para si agora o “eu quero”, ser senhor de sua própria história. Todavia ainda não e capaz de criar valores, disto somente é capaz a criança, terceiro estágio do homem que traz consigo a ingenuidade e honestidade intelectual.

A pretensão aqui não é responder a todas estas questões, mas a de suscitar outras tantas. Assim é o chamado aristocrata, aquele que é senhor de sua própria desconstrução e conseguinte construção. Ele, em seu modo singular de existência, não deseja se tornar modelo, até porque suas ideias podem tornar-se absoletas e degeneradas a qualquer momento. Aprendeu a se redescobrir e a aceitar que sua verdade momentânea não é, necessariamente a verdade, única e absoluta.

Assim, após extensa e intensa investigação acerca da educação aristocrática ou emancipatória em Nietzsche pode-se falar que sua composição se pauta, principalmente, em três elementos: na solidão, no autodesenvolvimento e na autocrítica (MENDONÇA, 2009). Estes elementos encontram sólida fundamentação nos fragmentos póstumos referentes ao terceiro período produtivo do Discípulo de Dionísio, como prtendemos evidenciar na exposição que se segue.

2 - Fragmentos Póstumos

Relegada e vista por muitos anos como uma escrita inferior ou mesmo como delírios de um homem atormentado e acometido pela loucura, a escrita nietzchiana, por vezes, foi desacreditada, alguns não a classificavam sequer como uma filosofia[3], de fato. Isto por que, diferente de todas as filosofias precedentes e mesmo posteriores, Nietzsche não seguia um sistema[4] tanto no que se refere ao método quanto no que se refere à gramática. Seus textos são marcados pela originalidade de uma escrita que foge às correntes regras da norma culta, e que, de outra forma, incute em si a visão perspectiva de seu autor. Esta visão, perspectiva, refere-se ao perspectivismo, meio de encarar os fatos e opiniões não como verdades absolutas, mas como uma, dentre várias possibilidades de interpretação que qualquer objeto de estudo traz consigo. Assinala Mendonça que “[...] o foco do perspectivismo é, sobretudo, interpretação, que credita ao homem a possibilidade de revalorar os valores no mundo” (2009, p. 55).

Se o perspectivismo foi escolhido como meio de estudo do objeto, a maneira de transcrever para o papel o apurado a partir da investigação foi o aforismo. O aforismo se refere ao estilo de escrita de Nietzsche. A escrita por fragmentos é

[3] Artur Danto (1980) apresenta Nietzsche como irracional.

[4] Como destaca Mendonça (2009, 2018) ao longo da marcha historial da humanidade, a palavra método traz consigo a ideia de sistema organizado, que, principalmente por influência de Aristóteles, propõe a existência de início, meio e fim, ou seja, a existência de um fio lógico e de uma conclusão assertiva.

caracterizada pela construção de pensamentos soltos no que se refere à lógica, mas argumentativamente interligados, logo, ao mesmo tempo em que inexiste um fio lógico que os defina é inegável que há uma intrínseca relação entre eles e as demais obras do filósofo. Os fragmentos, todavia, não exigem que, como em um sistema[5], exista uma conclusão ao fim de cada construção. Eles transcrevem a escrita mais íntima do filósofo, pois se tratam de anotações feitas ao longo do desenvolvimento das obras publicadas, e mesmo de suas intuições que foram registradas ao longo de seus três períodos produtivos. Nietzsche não cogitava, sequer, que tais escritos fossem publicados, razão pela qual ficaram esquecidos por muitos anos após sua morte, denominados, portanto, de fragmentos póstumos ou de *Nachlass*. Os *Nachlass* são de incomensurável importância para, senão compreender, acompanhar o pensamento continuamente paradoxal e controverso de seu autor, na medida em que não possuem a função de complemento das obras publicadas em vida, mas sim de aprofundamento de temas por estas já explorados. Refere-se ao desejo de mergulhar no caos de ideias e genialidades que compõem a escrita mais pessoal e desinteressada do filósofo, uma escrita com vida própria na medida em que despoja-se de qualquer finalidade ou nexo entre si, e mesmo com o outro.

O mapeamento dos fragmentos póstumos de Nietzsche foi realizado a partir da obra do filósofo Nietzsche Source (2021). A dificuldade de acesso aos escritos do terceiro período também evidencia a relevância acadêmica deste trabalho; afinal, mapear as centenas de páginas escritas pelo filósofo diretamente do alemão consistiu em labor denso e cansativo, no entanto, o resultado é compensador. Esta página digital, Nietzsche Source (2021), disponibiliza os *Nachlass*, da mesma forma que os textos publicados pelo filósofo, as cartas, enfim, todas sua produção intelectual em quatro idiomas. Trata-se da versão digital da edição por Giorgio Colli e Montinari Mazzino[6]. Escritos durante toda a vida criativa do

[5] Diz Nietzsche: "Desconfio de todos os sistemas e de todas as sistemáticas e saio de seu caminho: talvez ainda se descubra por trás deste livro o sistema do qual *me esquivei* (...)", demonstrando claramente seu desagrado acerca do emprego de sistemas.

[6] Filósofo italiano, filólogo e historiador, Giorgio Colli foi um profundo conhecedor de importantes filósofos como Platão, Kant e Nietzsche, faleceu em 1979. Professor italiano Montinari Mazzino foi responsável, juntamente à Giorgio Colli pela chamada "Renascença Nietzsche", após a segunda Guerra Mundial, faleceu em 1986. A coleção de Colli-Montinari trouxe a público os fragmentos nietzschianos há muito esquecidos em Weimar, e tornaram-se padrão acadêmico de pesquisas sistemáticas sobre o filósofo do eterno retorno. Foram responsáveis ainda pelo questionamento em torno da obra *The will to Power*, traduzido como *A vontade de poder*

filósofo da vontade de potência, os fragmentos perfazem um total de mais de duas mil páginas, organizadas, em geral, por ano e estação correspondente. Deste total cerca de aproximadamente mil e duzentas páginas são escritos referentes ao terceiro período da filosofia nietzschiana. Concordam importantes intérpretes do Discípulo de Dionísio, como Almeida (2009) e Mendonça (2018), que o terceiro e último período da vida criativa do filósofo inicia-se em meados de 1881, e é marcado, sobretudo, pelas obras *Aurora* e *A gaia ciência*. É também no terceiro período que nasce o obra mais importante do solitário de *Sils-Maria*, considerada por ele mesmo, *Assim falou Zaratustra* (2006). Escrito que traz o apogeu de suas ideias, anunciando, ainda, construções basilares do pensamento niatzchiano como o eterno retorno e o *amor fatti*. Ademais, esse período possui maior densidade que os demais, no que se refere ao volume quantitativo dos escritos, e também à carga cognitiva que aufere.

Em números, é passível de observação, o crescente interesse de Nietzsche no sujeito chamado aristocrata, bem como pela aristocracia, no sentido de autocrítica, então, a pergunta deste artigo, formulada no início dessas reflexões, há elementos de fundamentação de uma educação aristocrática ou emancipatória nos escritos do terceiro período de Friedrich Nietzsche? parece ser respondida.

Vejamos o quadro abaixo:

Termo	**1º e 2º Períodos**	**3º Período**	**Total**
Aristocrata	2 - 13,34%	13 - 86,66%	15
Aristocracia	16 - 42,11%	22 - 57,89%	38

Fonte: Nietzsche Source (2021)

O quadro acima permite conjecturar que as temáticas aristocrata e aristocracia incidem mais diretamente no terceiro período. Embora não se tenha pesquisado o termo emancipação, dado não ter sido objetivo de Nietzsche, a analogia é inevitável. As preferências do filósofo podem ser observadas também ao

e publicado pela irmã de Nietzsche, como se a este pertencesse, obra esta utilizada para legitimar o holocausto nazista.

longo das obras publicadas do solitário de *Sils-Maria*, com temáticas, em seu primeiro e segundo períodos, mais voltadas às artes e à tragédia, como em *O nascimento da tragédia*, da mesma forma que a crítica à ciência, em *Humano demasiado humano*. Mesmo a questão da educação (*der Erziehung*) já se apresenta no primeiro período nas *Considerações Intempestivas*, no texto *Schopenhauer como educador*. A figura do aristocrata é anunciada quase unicamente no terceiro período. Os escritos pertencentes a este período trazem consigo a maturidade da filosofia nietzschiana, quando então, é possível vislumbrar suas indicações, quanto aos valores aristocratas de desconstrução, autoconstrução e individualização de instintos. A mudança teórica do filósofo incute em si também uma mudança pessoal e intelectual, na medida em que a doença que o assombra também avança e impede cada vez mais que o filósofo transcreva suas ideias, alternando entre momentos de lucidez e delírio. Todavia, o sofrimento é visto por ele como meio de autoconhecimento profundo e teste sobre a capacidade de, mesmo na doença, sentir o gosto do prazer originário, *Urlust*, que a busca pela verdade proporciona, a grande individualidade (ALMEIDA, 2005).

Ao se referir aos aristocratas, o filósofo o faz com o habitual sentido de atribuir-lhes papel de destaque e superioridade, na medida em que estes se tornaram capazes de enxergar a existência de uma sociedade de rebanho e a inversão de valores cultivada para manutenção deste, e manifestaram, ainda, o desejo de despojar-se deste engodo para buscar desenvolver sua vontade de potência. Importante destacar que o gênio, o aristocrata, não nasce assim, não se trata, portanto, do grau de escolaridade ou da renda, ele se torna um excelso por suas próprias virtudes e conquistas, denotando o caráter singular e individual que caracteriza aquele capaz da autocrítica e do autodesenvolvimento. Ressalta o Discípulo de Dionísio:

> Avaliar o valor de um homem em função de quanto ele é útil, de quanto custa ou de quanto é prejudicial aos homens: isso significa tanto ou tão pouco quanto avaliar uma obra de arte em função de seus efeitos. Porém, uma obra de arte quer ser comparada a obras de arte; e, com isso, o valor do homem permanece completamente intacto na comparação com outros homens. A “apreciação moral”, na medida em que é uma apreciação social, mede o homem inteiramente por seus efeitos. (NIETZSCHE, 2005, p. 239, grifos do autor).

Assim, muitas vezes o juízo moral direciona os indivíduos a uma ideia de associação dos valores bom e útil, como meio de classificação do homem, extirpando potencialidades que, de outra forma, poderiam ser amplamente exploradas.

Dito isto se pode falar então na busca deste excelso pela vida aristocrática ou emancipatória. E nesse sentido a solidão possui um papel primordial, pois delega ao homem um papel que nunca antes foi seu, ou seja, a possibilidade de desconstruir tudo aquilo que lhe foi imposto em anos de domesticação e iniciar a construção de seu próprio sentido na história. Neste caminho, a crítica à sociedade e ao outro se torna secundária, pois antes é necessário possuir a capacidade de se autocriticar. “A solidão é tida como uma grande virtude do aristocrata e marca a vida aristocrática na medida em que o homem nobre busca na solidão e no silêncio a compreensão das forças internas que tem: busca a sua excelência por meio da autocrítica e da autossuperação constantes” (MENDONÇA, 2009, p. 104). Trata-se da retomada da ingenuidade esquecida pela vontade da coletividade, aquela que se tem somente no nascimento, momento único na vida de todo indivíduo pois ainda não possui amarras sociais, talvez seja mesmo o único momento em que todo homem é plenamente senhor de si. A emancipação está neste processo.

A autocrítica e o autodesenvolvimento, ou seja, a autossuperação do sujeito, por sua vez, possui intrínseca relação com a vontade de potência. A libertação de instintos singulares aprisionados em prol da coletividade, e a consequente extinção de valores surgidos deste aprisionamento, como a culpa e o remorso (ALMEIDA, 2009).

Ainda que de difícil compreensão e impossível explicação definitiva, os fragmentos de Nietzsche transbordam riqueza intelectual e infinitas formas de interpretação. Então, assim como enxerga-se aqui a fundamentação da educação aristocrática a partir da vida aristocrática ou emancipatória, seria possível enxergar muitas outras possibilidades. Sendo esta a grande originalidade e genialidade do solitário de *Sils-Maria* que apresenta a alternativa de um mundo perspectivo.

Considerações Finais

Ao longo da investigação foi possível conhecer parte da tão vasta, rica,

complexa e paradoxal filosofia nietzschiana, de uma genialidade singular. O crescimento oferecido em cada análise, em cada discussão em torno do objeto é de valor infinitamente único. Este artigo não tinha por pretensão de esgotar o tema da educação aristocrática ou emancipatória nos fragmentos póstumos, mas tão somente oferecer subsídios inclusive quantitativos quanto ao aparecimento do termo aristocracia no terceiro período produtivo de Nietzsche. Outros estudos deverão ser feitos a fim de explorar a correlação do tema da aristocracia, por exemplo, com o perfil do educador ou mesmo com outros termos correlatos, como, por exemplo, o da autossuperação. Afinal, cada uma das ideias de Nietzsche, como a vontade de potência, o niilismo, o eterno retorno, o além-homem, tem dado por si só, extensos e complexos trabalhos acadêmicos, com grandes possibilidades de desenvolvimento no campo de fundamentos da educação.

Se a pergunta deste artigo pôde ser respondida em específico no último item deste artigo quando tratamos dos fragmentos póstumos, em específico sobre o quadro com os termos aristocrata e aristocracia, reafirmamos que há sim elementos de fundamentação de uma educação aristocrática ou emancipatória nos escritos do terceiro período de Friedrich Nietzsche. Mais do que isto, a presença dos termos aristocrata e aristocracia nos escritos do terceiro período produtivo do filósofo diz respeito à importância que tem a fundamentação da educação aristocrática como distante da crítica de Nietzsche à escola alemã, realizada por ocasião do texto *Shopenhauer como educador*, do primeiro período, da mesma forma que não se restringe à crítica à ciência, presente no período intermediário de seu pensamento, em específico em *Humano, demasiado humano.* A educação aristocrática ou emancipatória se fundamenta no contexto do terceiro período produtivo em articulação com a questão da vontade de potência; afinal, esta educação reivindica a autocrítica e autossuperação do indivíduo na busca de si mesmo.

A educação aristocrática, emancipatória, de excelência, que possibilita ao estudante tornar-se autodidata, autor da própria história e do próprio conhecimento, encontra fundamento sólido nos fragmentos póstumos do filósofo do eterno retorno na medida em que este enxerga no aristocrata, e na chamada aristocracia ou sociedade apolínea, a possibilidade de cultivar mentes férteis e individuais. Despir aqueles que desejam do engodo a que foram expostos durante toda a vida em prol da coletividade, e propiciar-lhes a experiência de filosofar a golpes de martelo,

destruir, para então, construir novamente, mas não de maneira definitiva, nunca como obra finda. “A educação aristocrática em Nietzsche não se aplica, portanto, a qualquer homem; aplica-se à grande e nobre individualidade. Essa educação destina-se àqueles que desejam se autossuperar, e isso requer um esforço individual. Sugere a vida solitária e implica a busca de si mesmo” (MENDONÇA, 2009, p. 120). Significa propor uma lapidação contínua, a necessariamente inacabável, significa propor ser sempre horizonte.

O grande desafio, enfim, encontra-se em conciliar esta aristocracia e emancipação à educação hodierna, ou, ainda mais ao sistema social que atualmente vigora. É preciso destacar, uma vez mais, que esta não é uma educação para todos, não é um modelo, mas, uma concepção de educação que pode ser vivida por todos e por ninguém, isto é, todos podem, potencialmente, adotar a postura da autocrítica e de autossuperação em suas vidas, no entanto, poucos, de fato, empreendem este labor. Mas, como falar em educação sem falar em coletividade? Como conciliar a educação aristocrática ou emancipatória ao ensino técnico, padrão da atual sociedade? De que forma conciliar a construção dos próprios valores com a vida e as regras de convívio social? Como ter uma vida solitária e viver em sociedade?

Pensar os escritos de Nietzsche e trazê-los ao campo da educação é uma experiência com várias possibilidades de desenvolvimento e que demonstra, desde já, ser capaz de produzir grandes feitos e inovar a maneira de enxergar aquilo que é notoriamente um dos direitos mais básicos e humanos de cada indivíduo, o desenvolvimento intelecto-pessoal que deveria ser proporcionado pela educação básica que os cerca desde muito jovens, mas que, cada vez mais, aponta para o engessamento da crítica e o aprimoramento do homem-máquina.

A educação aristocrática ou emancipatória não é o único meio de desvencilhar a ovelha do rebanho, é apenas uma das alternativas, há muitas outras, desejosas de serem desenvolvidas, pois, não se quer aqui respostas acabadas, e nem mesmo verdades absolutas, mas, tão somente, a busca de novos caminhos e a possibilidade de convivência com inevitáveis aporias. Afinal, são as aporias que instigam a busca de respostas e o inesgotável desejo de conhecer, e sobre este desejo se estabelece justamente a educação aristocrática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
ALMEIDA, R. M. de. **Nietzsche e o Paradoxo**. São Paulo: Editora Loyola, 2005.
DANTO, Artur C. **Nietzsche as Philosopher**. New York: Morningside edition, 1980.
KANT, I. Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”? **Textos seletos**. Petrópolis: Vozes, 1985.
KOTHE, Flavio. Nota do Tradutor. NIETZSCHE, F. **Fragmentos do Espólio**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.
MARTON, S. **Nietzsche na Alemanha**. São Paulo: Editora Unijuí, 2005.
MARTON, S. **Nietzsche: transvaloração dos valores**. São Paulo: Editora Moderna, 1996.
MECA, Diego Sánchez. Prefácio. In NIETZSCHE. **Sabedoria para depois de amanhã**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.
MELO SOBRINHO,
MENDONÇA, S. **Educação Aristocrática em Nietzsche**: perspectiva e autosuperação do sujeito. (Tese de Doutorado). Campinas. Unicamp, 2009.
_____. **Ariscocratic education in Nietzsche**: individual achievement. Maryland: GlobalSouth, 2018.
MENDONÇA, S. Massificação humana e a educação aristocrática em Nietzsche. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 13, n. 1, p. 17–26, 2010a. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1163. Acesso em: 16 jan. 2022.
_____. Objeções à igualdade e à democracia: a diferença como base da educação aristocrática. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 14, n. 1, p. 332–350, 2010b. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1256. Acesso em: 16 jan. 2022.
MÜLLER-LAUTER, Wolfang. **A doutrina da vontade de poder em Nietzsche**. Trad. Oswaldo Giacoia Junior. São Paulo: Annablume, 1997.
NIETZSCHE, F. W. **Sabedoria para depois de amanhã**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.
_____. **Fragmentos finais**. Seleção, tradução e prefácio de Flávio Kothe. Brasília, UnB, 2002.

_____. **Obras incompletas**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1983.

_____. **Humano, Demasiado Humano**. Um livro para espíritos livres. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

_____. **O Anticristo**. Maldição ao Cristianismo. São Paulo: Cia das Letras, 2007a.

_____. **Assim falou Zaratustra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **Escritos sobre política.** Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio e Edições Loyola, 2007b.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Fragmentos do Espólio**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

_____ . **Nietzsche Source**. Disponível em: www.nietzschesource.org, acesso em 10 de dezembro de 2021.

Sobre os autores

Samuel Mendonça
Professor do PPG Educação da PUC Campinas, Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. Doutor em Educação pela Unicamp.
samuelms@gmail.com

Patricia Nunes Arantes
Bacharel em Direito pela PUC Campinas. Advogada. Especialista em Direito Internacional pelo Centro de Estudos em Direito e Negócios (Cedin).
patinarantes@gmail.com